

REVISTA LUSITANA

**Arquivo de estudos filológicos e etnológicos
relativos a Portugal**

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnológico Português

SUMARIO

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

Medicina popular: raízes (continuação) — por Claudio Basto : 5.

Glossário de «Cancioneiro da Ajuda» — por D. Carolus Michaelis : 29.

Habitos e costumes dos portugueses, segundo observações de autores estrangeiros:

Palavras preciosas — por P. de Azevedo : 35.
1.ª série — por A. Reis Machado : 37.
2.ª série — por P. de Azevedo : 243.

Toponímia portuguesa (continuação) — por Joaquim da Silveira : 189.

Retalhos de um adagiarlo (continuação) — por J. M. Adrno : 227.

Toponímia árabe de Portugal — por David Lopes : 257.

Festas de Monchique (continuação) : 1v. *Santos*
Espírito — por J. António Guerreiro Gascon : 274.

MISCELLANEA:

Costumes de Braga do século XVIII — por J. L. de V. : 295.

O ténio — por Afonso de Paço : 296.

BIBLIOGRAFIA:

Livros — 298.
Varia quaedam — 308.

LISBOA

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17

1922

POR^TO — Imprensa Portuguesa

►►► Rua Formosa, 116 ►►►

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnológico Português



VOL. XXIV

LISBOA
Livraria Clássica Editora
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1922

Toponímia árabe de Portugal

Com este título, ambicioso, publiquei há muitos anos (¹) um estudo sobre alguns nomes de lugar de origem árabe. Dou a seguir alguns mais (²).

Açumar. Vila do c. de Monforte. Este nome significa em árabe «o juncos», «lugar onde há juncos», «junqueira», como *Alfeizirão* e *Adiça* (³). É o juncos usado no fabrico das esteiras. É *Santa Maria do Açumar* em Fernão Lopes (⁴). A escrita *Assumar* é incorrecta.

Adiça. Nome de uma mina de ouro no c. de Almada, na Fonte da Telha, em exploração desde D. Sancho I até D. João III (⁵). Nome também de um lugar do c. de Moura, hoje mais conhecido por Sobral ou Aldeia do Sobral; e ainda da serra assim chamada do dito lugar. É vocábulo árabe, *addiça*, nome de certa espécie de «juncos», comestível para os cavalos e utilizável para cordoaria: é a gramínea «ampelodesmos tenax», vulgaríssima em todo o norte de África.

Num documento de 1310 este nome tem a forma *Aldiça*: «Carta a favor de... que tinha a villa de Almada em razão do abuso que faziam do seu privilegio em prejuizo daquella villa os da Aldiça» (⁶). Esta palavra existe também em castelhano como nome comum, *aldiza* (⁷). Nos dois casos o *I* não é etimológico, mas intercalado por analogia com o vocábulo *aldeia*, segundo parece.

(1) Em 1902, na *Revue Hispanique*, t. IX.

(2) Títulos completos de algumas obras citadas abreviadamente: Dozy, *Supplément aux dictionnaires arabes*; Dozy e Engelmann, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*; Sousa e Moura, *Vestígios da língua árabe em Portugal*. Os *Portugalia Monumenta Historica* são citados pelos títulos das colecções que os formam: *Scriptores, Leges e Diplomata et chartae*.

(3) Dozy, *Supplément*, I, p. 682.

(4) *Crónica de D. João I*, cap. xcvi e *Crónica do Condestabre*, cap. xxix.

(5) José Bonitácio de Andrade e Silva, *Memórias da Academia*, v, P. I, p. 151.

(6) João P. Ribeiro, *Dissertações cronológicas*, v, p. 391.

(7) Dozy e Engelmann, *Glossaire*, p. 97.

Alafões. Já estudei este nome⁽¹⁾, mas volto a êle para completar a explicação que dei. É realmente o dual árabe *Alahauün(e)*, «os dois irmãos», nome de dois castelos fronteiros, perto de Viseu. Outras designações geográficas da mesma natureza: na margem direita do Reno há dois castelos *Liebenstein* e *Sternberg*, perto de Caub, a que chamam *Die Brüder*; na província de Sevilha há também uma povoação com o nome de *Dos Hermanos*, como junto de Tremecém (Argélia) havia uma fonte e um monte chamado *Açahrahün(e)*, «os dois penedos».

Formas antigas: *Alahobeines*, *Atahoen*, *Alahouen*, *Alahoein*, *Álafoeis*, etc.

De *Alahauün(e)* formou-se regularmente o singular *Alafom* (e *Alafão*), com a passagem de *h* para *f* e *-uän* para *-om*, segundo uma lei fonética que hei de dar oportunamente (como *od-* de *uad*, em *Odeleite*, *Odemira*, etc.) O *a* que precede *-om* deve ter sido absorvido no *o*. O nome *Alafom* deve ter sido dado a cada um dos castelos separadamente, e aos dois conjuntamente deve ter-se aplicado o plural, isto é, *Alafões*.

Alcaçovas. Do árabe *alcaçba*, pronúncia vulgar do clássico *alcáçaba*, que está no vocabulário comum com a significação de «ciadela», e significa também, como aqui, «cana». O *s* é acrescentado como em *Algeciras*, em Espanha.

É vila do distrito de Évora. Cf. Canas de Senhorim.

Alcochete. Plural árabe *alcoxete*: o s. é *alcoxa*, «forno». Vila do Ribatejo. Ainda hoje ali há fornos de cal. Cf. Fornos de Algodres.

Alfafar. Nome de povoação do c. de Penela. O foral de Germanelo⁽²⁾ fala de uma «fonte de Alfafar». Do árabe *alfahär*, nome de ofício, «oleiro». Com mudança de *h* em *f*, como é de regra. Existe em espanhol na forma actual *alfahar*⁽³⁾. Na nossa toponímia é muito frequente o nome *Oleiro*.

Alfeite. Segundo creio, é o vocábulo latino *filictu*, forma portuguesa antiga *feeito*, hoje *feto*: nome de planta, comum, e por isso recebeu o artigo árabe. Há muitos exemplos destas formações na

(1) *Toponimia*, p. 15.

(2) *Leges*, p. 433.

(3) Dozy, *Glossaire*, p. 100.

toponímia e na língua comum: *Almostér*, *Alporão*, etc. Perdeu o *e* final porque tal terminação não existe em árabe. Normalmente os vocábulos árabes terminam em consoante, à qual as línguas peninsulares juntam ora *e*, ora *a* ou *o*, conforme o nome é feminino ou masculino, ou se a consoante é *n* converte-se em ressonância nasal. Assim, os Árabes peninsulares chamavam ao lobo *tub* (*tup*) e este termo conservou-se em *Guadalupe*, «rio do lobo», povoação da província de Cáceres, Espanha. Outros exemplos: *Rudericu* é em árabe *Luderic*, *Mondecu* é *Mondex*, etc. Edrici tinha um modo particular de representar este *o* nos nomes peninsulares⁽¹⁾.

Alfeizirão. Povoação do c. de Alcobaça. É o nome árabe *al-fāṣirān(e)* por *al-fāṣurān(e)*, forma clássica, que significa «a cana», ou lugar onde ela abunda. Os *ee* ditongaram-se em *ei* e *-ān(e)* deu *-ão*, segundo a regra. A gente do lugar chama-lhe, de facto, *Alfeizirão* («pão de ló de Alfeizerão»), mas o *ei* da sílaba *zei* deve condensar-se em *i*, como sucedeu com *Leiria* e *Iria*. Ver *Trafaria*⁽²⁾.

Assim se chamava a mãe do califa abácida, Harune Arraxide. As mulheres muçulmanas tomam muitas vezes nomes de plantas, de flores, de pedras preciosas, etc.

Alguez. Assim se deve escrever este nome de localidade do c. de Oeiras e arrabalde de Lisboa. «Reguengo de Alguez», diz um documento de 1305⁽³⁾, mas «Reguengo de Algez» num de 1318⁽⁴⁾ e outro de 1545⁽⁵⁾ e em muitos outros.

Do árabe *algez*, «gipso, pedra de gesso», que é o latim *gypsu*, o qual parece ser o étimo do vocabulário árabe citado. Em castelhano é nome comum com esta mesma forma e significação. Junto de Fez havia uma pedreira dessas, de *algeç*⁽⁶⁾.

Algodor. Do plural árabe *algódor* (s. *gadir*), com deslocação de acento, natural em nomes acabados em *-or*: sinónimo de *alverca* que também está na topomínia portuguesa. Nome de lugar em Por-

(1) Nossa estudo *Os Árabes nas obras de A. Herculano*, p. 39.

(2) Pina na *Crónica de Afonso V*, cap. XLV, escreve *Alfaizeirão*, forma hoje vulgar.

(3) João P. Ribeiro, *Dissertações cronológicas*, V, p. 382.

(4) *Arqueólogo português*, XVIII, p. 73.

(5) Sousa Viterbo, *Dicionário dos arquitectos*, III, p. 126.

(6) Bel, *Zahrat el-Ās*, p. 63 da tradução.

tugal (c. de Mértola) e em Espanha (estaçao do caminho de ferro Badajoz-Madrid, onde começa o ramal de Toledo).

Algodes (Fornos de). É, talvez, este mesmo vocábulo sem deslocação de acento e com acrescentamento de *s* de pl. português.

Algueirão. Povoação do c. de Sintra. É o plural árabe *alg(n)e-rān(e)*, do singular *algar*, «cova, gruta, barranco». Na forma do s. é nome comum e da topomínia em Portugal. Esta deu nome ao cabo do sul da Andaluzia, *Trafalgar*, isto é, «ponta do algar». Na forma portuguesa do pl. o *e* ditongou-se como em *Alqueidão*, *Azitão*, etc. A desinência *-ān(e)* dá *-ão* normalmente. É nome de lugar na Tripolitânia (¹).

Almacave. Nome de freguesia da cidade de Lamego. Do árabe *almacāber*, que significa «cemitério» e deu na linguagem comum *almocáver* e *almocóvar* (²). Em Almeria os cemitérios ainda hoje se chamam *macebes*. Como é sabido, os Mouros e os Judeus tinham os seus cemitérios fora das povoações.

Almafala. Era o nome antigo do que hoje se chama «a Graca», em Lisboa. Dizem-no João de Sousa e Moura (³), mas sein citar fonte, e Herculano (⁴). Este nome e a sua variante *Almofala* são vulgares na topomínia do nosso país, mas hoje só na forma última. A uma herdade de «Almafala» se refere um documento de 1221 (⁵); mas já aparece esta forma num diploma de 907 (⁶). No Egípto havia uma povoação dêste nome (⁷).

Do árabe *almahalla*, com passagem de *h* para *j*, segundo a regra: significa «arraial» (ou «acampamento») e também «aldeia»; e é talvez esta a significação que convém a este nome. No *Cantar de Mio Cid* (⁸) e em *Leges* (⁹) a forma mais freqüente é *Almoftala*, no primeiro sentido. Em Marrocos designa o bairro dos Judeus,

(¹) Nallino, *Norme per la trascrizione italiana...*, p. 34.

(²) *Elucidário*, I, p. 65; Dozy e Engelmann, *Glossaire*, p. 168.

(³) *Vestigios*, p. 54.

(⁴) *Lendas e Narrativas*, I, p. 92, da 12.ª ed.: «vinha de Almafala».

(⁵) *Leges*, p. 589.

(⁶) *Diplomata et chartae*, p. 10.

(⁷) Edrici, *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, p. 188 da tradução.

(⁸) P. 457, da ed. M. Pidal.

(⁹) P. 765, 783, 811, etc.

erradamente transcrito *mellaḥ*. É também frequente nos nossos jornais na forma *mehalla*, no primeiro sentido.

Almagrebe. É uma praia do c. de Aljezur: significa «o ocidente» e é sinónimo de «Algarve». Na sua aplicação particular, designa «Marrocos»; e na sua acepção, geral todo o norte de África, a ocidente do Egipto.

Almaraz. Nome de uma quinta em Almada, ao lado do forte. É o adjetivo árabe *almoarrax* (subentendido o substantivo *alcarame*, «vinha») «trepadeira», isto é, pois, «parreira»⁽¹⁾. Este passo do viajante Ibne Batuta prova-o bem: «Entre a porta da igreja e a dêste recinto há um caramanchão (*moarrax*) de madeira, muito alto e coberto de videiras»⁽²⁾.

O nome da cidade de *Larache* (Marrocos) tem a mesma significação e origem, como os tem também o voc. espanhol *alarixes*.

Na forma portuguesa *oa* condensou-se em *a*, os *rr* passaram a singelo e o *x* a *z*, com deslocação do acento para a última sílaba, por virtude desta alteração terminal.

Almargem. Do árabe *almarg(e)*. Já o demos no nosso primeiro estudo sobre esta matéria, com a significação de «prado». Tem, de facto, esta significação geral, e «Prado» é nome da toponímia portuguesa; mas creio que lhe convém melhor esta outra «paúl» que também tem, como se pode ver em Dozy⁽³⁾.

Almegue. Segundo parece, do árabe *almeq(e)*, nome que significa «lugar onde se atravessa um rio, vau, pôrto», sinónimo do termo hoje corrente *almaxra*: com perda do *t* final e abrandamento do *q*.

Pôrto (isto é, lugar de passagem) no Mondego, no caminho de Coimbra para Bemposta. Na *Eufrosina*, p. 94 da ed. da Academia, há este passo: «Ajuntaivos ambas no estendedouro contra o pego do almegue». Houve outro Almegue, chamado de Guterre, no rio Zézere. A él se referem os torais de Figueiró de 1214 e de Pedrógão de 1206: «Et quomodo uadit caril intro in almaegue de guterri» e «Et inde per carril quomodo uertit aquam ad almaegue de goteri»⁽⁴⁾.

(1) Dozy, *Glossaire*, p. 58 e *Supplément*, II, p. 110.

(2) Dozy, *Glossaire*, mesma página.

(3) *Supplément*, II, p. 578.

(4) *Leges*, p. 528 e 531.

Almofala. Vide *Almafala*.

Almourol. Nome de uma ilha do Tejo, defronte de Tancos. É, segundo me parece, o vocábulo comum latino *morus*, «amoreira», com o sufixo deminutivo *-ola*, o qual deu *morió*, como: *vineola* *Vinhó*, *ecclesiola* *Grijó*, *lineola* *Linhó*, etc.; e com o artigo árabe *almorió*. *Almorió* foi tratado como os nomes árabes acabados em *-á*, *-é* e *i*: *arsenal*, *alvanel*, *ceitil*, em que o *l* é acrescentado, e recebeu também *l* final. Não conheço nomes árabes nas mesmas condições, por não haver vocábulos assim terminados que passassem para português; mas em espanhol há *alcabor*, de *alcabó* (¹). Arabizado existe, todavia, um, segundo creio: é *Albarrol*, nome de lugar, nos c. de Miranda do Corvo, Gavião e Niza, de *Barró*, também nome de lugar do c. de Résende, que é deminutivo, como o nome que estou estudando.

De *Almoriol* veiu facilmente *Almeiro* de um documento de 1169 (²) e *Almoirol* de um outro do século xv (³). Na inscrição gravada sobre a porta da cerca interior do castelo de Almourol, de 1171, le-se *Almoirel* ou *Almoureel*, mas a cópia existente no convento de Cristo, de Tomar, tem *Almoriol* (⁴). A explicação de Esteves Pereira é inadmissível, por não ser possível a aglutinação do artigo árabe *al-* a um nome de lugar pre-islâmico (⁵).

Se a minha explicação é boa, *Almourol* quere dizer (ilha da) «Amoreirinha».

Ao sufixo *-ola*, feminino, contrapõe-se o masculino *-olu*, que mais facilmente daria *Almourol*, mas *morus* é fem.

Um documento de 1283 em latim diz: «... de Sena usque Muriellam» (⁶). Se se trata, efectivamente, do nome que estou estudando, este é uma variante com o sufixo fem. também e deminutivo *-ella*.

Alpeidão. Nome do cachopo do sul na barra do Tejo. As ondas quebram sobre ele e parecem da costa fronteira um imenso

(1) Dozy, *Glossaire*, p. 77.

(2) *Elucidário*, II, p. 240: in pelago de Almeiro.

(3) *Scriptores*, p. 169.

(4) Cf. L. Cordeiro, *Inscrições portuguesas*, p. 33; *Revista de Engenharia Militar*, 1896, p. 206-207; Serões, 1908, p. 163. *Arquivo Histórico Português*, IX, p. 405.

(5) *Revista de Engenharia Militar*, p. 32-34.

(6) *Elucidário*, I, p. 9.

lençol de grande alvura. Por isso se lhe deu o nome de *albēdin(e)*, «as brancas», que com a mudança de *b* em *p*, como em *xarope* (de *xarāb*) e *acepipe* (de *azebib*), ditongação de *ē* em *ei* e passagem de *-ān(e)* em *-ão*, como é de regra, deu a forma que estou a explicar. O seu singular masc. *abiad*, «branco», significa não só «branco» (côr), mas designa vários objectos que têm esta côr, como «espada», «prata» (metal), etc. O s. fem. com o artigo árabe, *albēda*, «a branca», deu nome a várias povoações da Península e fora dela: *Albelda*, «a (cidade) branca» (¹); igualmente de «Casa Branca» em Marrocos; e de uma cidade da Pérsia, terra da naturalidade do célebre comentador do Alcorão, Albeidani. O pl. *albīd*, «as brancas», significa por si só «mulheres formosas» por serem brancas; assim como o outro pl. *albēdin(e)*, de que falei acima, significa também «os brancos» em oposição a *açūdan(e)*, «os pretos», nome conhecido na forma «Sudão», país dos negros ou Nigrícia.

Alqueidão. Nome de muitas povoações de Portugal. Perto de Lisboa, no Lumiar, é nome de rua. Era sobretudo nome de propriedade rústica nos c. de Cartaxo e Azambuja, concedida por Afonso Henriques à Câmara de Lisboa, para sustentar 30 merceeiros e merceiras pobres. Há no arquivo da cidade um livro chamado do *Alqueidão*; e no livro I dão-se as confrontações destas terras (²).

A etimologia deve ser *alq(u)eddīn(e)*, com ditongação de *e* em *ei*, e passagem de *-ān(e)* em *-ão*, segundo é de regra. Dozy (³) identifica este nome com o tufo calcário; sendo assim, como parece, é uma espécie de pedra calcária esbranquiçada e branda que endurece ao ar e por isso se emprega nas edificações, sobretudo usada nas abóbadas, escadas, etc., por causa da sua fraca densidade. Em Fez há um sítio com este nome (⁴).

Podia pensar-se noutro étimo, *alq(u)ētūn(e)*, aparentemente mais aceitável, que significa na África do norte «tenda», e também «acampamento». Nos *Anais de Arzila* (⁵) aparece na forma *alcaiatão* (o *a* depois do *i* está a mais), «tenda de viagem». Quere

(1) Flórez, *España Sagrada*, XXXIII, p. 467.

(2) Freire de Oliveira, *Elementos para a história do município de Lisboa*, I, p. 197-204.

(3) *Supplément*, II, p. 450.

(4) Bel, *Zabrat el-Ās*, p. 74 da tradução.

(5) II, p. 233.

para uma, quere para outra significação, Dozy (1) dá várias fontes.

Em Ibne Caldune (2) há o nome de lugar *Guitūn(e)* *Zenāta*, «acampamento dos Zenatas». Em Carette (3) também há o nome próprio *Alq(u)itūn(e)*, que é o mesmo vocábulo.

Pela significação, o primeiro étimo parece-me preferível.

Alvaiázere. Vila e concelho do distrito de Leiria. *Alvayazar* num documento de 1306 (4). Do árabe *albaīz*, nome de ofício, «falcão», de *baīz*, «falcão» (5). Com acrescentamento de *r* (*re*), como em *Tânger* (forma antiga, *Tangere*), *Zézere*, *almiscar*, etc.

Albaicín, bairro de Granada, é o mesmo nome no plural.

«Falcão» era o indivíduo que criava e ensinava os falcões a caçar. Os antigos reis e fidalgos tinham ao seu serviço criados que se ocupavam na criação e tratamento dessa e outras aves de rapina, como o açor e o gavião. D. Afonso III possuía para esse efeito três açoreiros e quatro falcoceiros (6).

Na toponímia há outros nomes de ofícios: *Carpinteiro*, *Ferreiro* (e *Ferreiros*) (7) e *Mamposteiro* (quinta no c. de Rio Maior).

Alvalade. Nome de lugar de Portugal e Espanha. Povoação do c. de S. Tiago de Cacém, serra do distrito de Évora e ribeira do de Lisboa. No século X havia perto de Coimbra, junto do Mondego, uma «villa» com este nome: *Albalat*, *Almalat*, *Alualad* (8). Os nomes antigos dos bairros novos de Lisboa, Campo Grande e Campo Pequeno, eram «Campo de Alvalade Grande» e «Campo de Alvalade Pequeno» (9).

Já tentei (10) explicar este nome pelo vocabulário latino *palatium*, precedido do artigo árabe, por ser nome comum na origem. Dozy deu algumas fontes árabes (11). A essas acrescentei uma decisiva que se lê em Almacarí: «e ele (Rodrigo, último rei godo) alojou-se

(1) *Supplément*, II, p. 378.

(2) *Histoire des Berbères*, I, p. LXXXIV.

(3) *Kabylie*, II, p. 62.

(4) Publicado no *Arqueólogo português*, XIV, p. 166.

(5) Dozy, *Supplément*, I, p. 133.

(6) *Leges*, p. 200.

(7) Forais em 1210, 1222 e 1258, em *Leges*, p. 546, 591 e 678.

(8) *Diplomata et chartae*, p. 24, 25, 58 e 74.

(9) Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, Parte I, cap. LXXV.

(10) *Toponímia*, p. 20-21.

(11) *Supplement*, I, p. III.

no alcácer (de Córdova) chamado «balāt» de Rodrigo, que dêle tinha o nome». Um outro passo é ainda mais decisivo: (Mugueite chegado a Toledo) instalou-se no «albalāt» que é a morada real⁽¹⁾.

Foi-me contestada esta etimologia por pessoa doura e amiga, por parecer incrível que houvesse tantos «palatium» espalhados aqui e ali. Por isso volto a ela para a reforçar com novas fontes. Encontrei êsses textos no *Elucidário*. Já Herculano⁽²⁾ disse que «palatium» era a residência do alcaide-mór ou senhor da terra. O *Elucidário* dá novos exemplos dêste emprêgo⁽³⁾. Mas Viterbo cita dois passos que alargam o sentido do vocábulo. Numa doação de 1037 à Sé de Oviedo declara-se: «Si homo habitans in haereditate S. Salvatoris... Cum armis vel sine armis introierit in Palatium Regis vel in Palatium alicujus hominis...»⁽⁴⁾. Noutra doação do nosso Afonso Henriques, de 1139, lê-se: «... et inde pergit per illum carreirum vetus de illa Cumieira, et inde pergit per illum Palacium Franciscum... usque in pelago de Godim»⁽⁵⁾.

Assim, a significação dêste vocábulo parece ser aqui a de residência senhorial ou casa de campo de fidalgo ou pessoa principal; e ela explica a freqüência do nome em lugares onde não seria de esperar, a dar-se-lhe o sentido clássico. Compreende-se, pois, também o seu pl. *Atvalades*, pov. de Algoz, c. de Silves.

Alvor. Ver *Borratém*.

Alvorão. Ver *Borratém*.

Arraçário (e *Arreçário*). Nome de via pública em Sintra, Cas-telo-Branco e Castelo-de-Vide. É o vocábulo árabe *arreq*, «a cabe-ça», e a terminação portuguesa -ário. Todavia, não conheço outros hibridismos desta natureza que o corroborem; e isto me faz dar este nome a mês. *Arreq* aqui significa «elevação de terreno entre dois vales, lomba, cumiada» que quadra bem à topografia dos lugares a que se aplica. Em Sintra está restrito ao caminho de encosta que leva do fundo da vila ao coração dela, mas outrora ter-se-ia aplicado a toda aquela parte abaulada do terreno que separa os dois vales que se estendem para baixo da vila.

(1) *Analectes*, I, p. 160 e 165.

(2) *História de Portugal*, VI, p. 184.

(3) II, p. 71-72.

(4) II, p. 134, voc. *Palacio* III. Em Flórez, *España Sagrada*, XXXVIII, fl. 351.

(5) I, p. 339, voc. *Francisco*.

Esta palavra árabe existe, independente ou não, na língua portuguesa, debaixo de outras formas, com a significação primitiva de «cabeça»: *rez*, sem artigo árabe, «cabeça de gado»; *arrais*, com artigo, «que é cabeça», isto é, «capitão de embarcação»; *roç-*, «cabos», em «*Roçalgate*», «cabos do extremo» (*Raçalhadd*), cabo da Arábia, ao sul de Mascate, que entra, de facto, muito pelo mar dentro na parte mais oriental daquela Península.

Roçalgate ocorre, por exemplo, em Góis, *Crónica de D. Manuel*, II, cap. XXXI e nos *Lusíadas*, X, 101:

Mas attenta: já cá de estoutra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras
Começa o reino Ormuz...

Belamarim. Ver *Benafátima*.

Benafátima. Na toponímia portuguesa há bastantes nomes como:

Benafátima, lugar do c. de Silves. Também no c. de Odemira, segundo se lê no foral de Odemira de 1255⁽¹⁾). Na forma *Fátima*, lugar do c. de Ourém: nome da filha de Maomé, que casou com Ali, quarto califa ou sucessor do Profeta.

Benagaia, lugar do c. de Silves;

Benafim, idem;

Benagil, idem.

Nomes assim são freqüentes em Espanha:

Benafarces, província de Valladolid;

Benafar, Castellon de la Plana;

Benagalbon, Málaga;

Benagever, Valência;

Benaguacil, Valencia;

Benahadux, Almeria;

Benahavis, Málaga;

Benajarafe, idem;

Benamaurel, Granada;

Benameji, Córdova.

A-par encontram-se em Portugal:

Bensafrim, c. de Lagos;

Bencatel, c. de Vila Viçosa.

(1) *Leges*, p. 664.

Estes dois últimos são nomes de pessoa tornados de lugar; e os anteriores são nomes de família ou de tribo. *Ben* significa «filho»; *bena* «filhos» (em francês transscrito *beni*). Com *Ben* e o nome do pai formam-se em árabe os patronímicos, como nas línguas da Península com o sufixo *-ici* (*-ez*). Como nome de pessoa, muito usado, há *Viegas*, de *Benegas*, «filho de Egas».

Em Marrocos são vulgares uns e outros nomes locativos. Assim, perto de Arzila, ficavam e ficam as serras de *Benagorfate* e *Benamares*, isto é, as serras dos Gorfate e dos Mares (¹).

Nos nossos cronistas dos séculos XV e XVI ocorre um nome locativo desta natureza, mas que aparece um pouco modificado. *Belamarim* significa neles o que depois se chamou reino de Fez. «El Rey (D. João I) por serviço de Deos e seu hordenou de hir tomar a cidade de Cepta que he em bella Marim...» (²) Herculano na sua poesia *A perda de Arzila* também usou essa forma:

Quando, ao longe, nos campos d'Arzilla,
Alvejava do mouro o alboroz,
E corria, e corria veloz
O ginete de Bellamarim (³)

Belamarim está por *Benamarim*, que é a tribo à qual pertencia a família real dos Merínidas, que reinou em África e na Hispânia, após a família dos Almóhadas, isto é, da linhagem de Marim, o antepassado comum. Os Merínidas reinaram em Marrocos até 1465, e de 1471 até 1549 um ramo dessa tribo, os Oatácidas.

Borratém. Nome de via pública em Lisboa: é *ber atten(e)*, «poço da figueira». Ainda hoje ali esta o poço. Ao lado ficava a «Praça da Figueira», hoje mercado principal da cidade com o mesmo nome de praça. É bem sabido que no nosso país é frequente haver uma figueira ao pé de cada poço. A forma *borr-* por *ber-* deve ser devida à palavra vulgar e corrente *borra*. Em documentos antigos chama-se-lhe *Baratem* e *Barrotém* (⁴).

Alvor, vila do c. de Portimão, deve ser *alber*, «o poço», em que *-er* passou a *-or*, como na palavra acima. Há em Portugal e

(¹) B. Rodrigues, *Anais de Arzila*, I, p. 32, 46, 47, 48, 55, 96, etc.

(²) *Crónica de Condestabre*, cap. LXXVII. Cf. F. Lopes, *Crónica de D. Pedro I*, cap. XXIII; R. Pina, *Crónica de D. Duarte*, cap. xix; B. Rodrigues, *Anais de Arzila*, I, p. 36.

(³) *Poesias*, p. 144 (5.ª ed.)

(⁴) Pedro de Azevedo, *Arqueólogo português*, V, p. 259.

no norte de África grande número de povoações com êstes nomes de *poço* e *alber*, respectivamente. Sousa (¹) explicou «Alvor» com *albür*, fiado neste passo de António Tenreiro: «Em hum campo, junto á serra, por terra cham, a que os Arabes chamam Albur, que quer dizer campo inculto...» (²), mas parece pouco crível que tal nome fosse dado ou ficasse a uma povoação.

Alvorão é o mesmo vocábulo no dual, *alberán(e)*, «os dois poços». É povoação do c. de Tôrres-Novas, freguesia de Assentis. Ocorre na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, I, p. 28, e II, p. 355, publicada pelo Dr. Nunes.

Povolide, lugar do c. de Viseu: quere dizer «Povoa de Olide», como *Campolide*, «Campo de Olide», e *Valhadolide*, em Espanha, «Cidade de Olide». *Olide* é nome de individuo em árabe: *Holiti* num documento de 946 e *Holidi* noutro de 1048 (³). Ocorre já na forma *Pobelide* num diploma de 1127 (⁴).

Portimão. É de origem latina, *Porta magnu*, que por evolução portuguesa daria *Portumanho*, como *tam magnu* e *quam magnu* deram *tamanho* e *camanho*; e *Fonte magna* deu *Fontemanha* (⁵). A forma árabe dêste nome é que o explica, como sucedeu com *Tejo* e *Beja*: ela devia ser *Bortman(e)*, em que *-än(e)* deu *-ão*, como é de regra. De facto, entre o Cabo de Palos e Cartagena (Espanha) há um lugar de nome *Pornuan* (Puerto), que em Edrici (⁶) se chama *Bortmän(e) alcabir*, isto é, *Bortman o grande*, em que *alcabir* mostra que se quis traduzir para árabe o segundo elemento do nome latino. O *i* do nome português foi intercalado para facilitar a pronúncia.

Queluz. Nome de povoação perto de Lisboa, numa baixa à beira do pequeno ribeiro que com o nome de Jamor entra no Tejo na Cruz Quebrada. É de origem árabe, de *quē* (ou *cū*), «fundo ou baixa de um vale, vale formado pelo leito de ribeiro, vale aper-tado», e *lüz* (com o artigo árabe *-llüz*), «amendoeira», ou seja «vale da amendoeira».

(1) *Vestigios*, p. 54.

(2) *Itinerário da India*, cap. 34.

(3) *Diplomata et chartae*, p. 33 e 221.

(4) J. P. Ribeiro, *Memórias para a história das inquirições*, p. 2.

(5) *Lages*, I, p. 546.

(6) Dozy e De Goeje, *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, p. 236 da trad.

Tamarmá. Nome de fonte e calçada de Santarém. Sousa⁽¹⁾ deu-lhe a significação de «água doce», confiado neste passo, que cita, de Duarte Galvão: «Tomárão (os Portugueses) o sumidouro entre Motirás e a fonte de Tamarma, á qual os Mouros assim lhe chamávão pelas aguas dela serem doces»⁽²⁾.

A «Relação da Tomada de Santarém»⁽³⁾ chama-lhe Athumarmal que traduz por «aguas amargas»: «fontem qui propter amaras aquas arabice appellatur Athumarmal».

Já tive ensejo de me ocupar dêste nome e de dizer que nem uma nem outra explicação me parecia exacta⁽⁴⁾, sem, todavia, poder explicar convenientemente o vocábulo. Tenho hoje a explicação dêle. Parece-me, realmente, de origem árabe, mas com a significação de «calçada da mãe de água», isto é, *tala*, «calçada» (subida), *mā-lmā*, «mãe de água» (literalmente «água da água»), ou seja *tāmārmā*, em que houve queda do / intervocálico de *tala* e passagem de *l* a *r* em *-ālmā*. O acento tónico deve estar na sílaba final, porque é longa; e a prova que assim deve ter sido dá-a a forma *Athumarmal*, com *l* final: é assim também em *arsenal*, *açacal*, etc. Esta forma *Athumarmal* explica-se com *tulū* e queda do *l* intervocálico, como em *tala*, e ambos os termos são sinónimos. O *a* inicial não é etimológico; pertenceria ao artigo árabe e então a construção gramatical seria errada.

O letreiro municipal diz *Calçada da Tamarma*, sem acento no *a* final, e os santarenses assim pronunciam hoje. Em Lisboa existe uma *Calçada da mãe de água*, que dá para a Rua da Alegria, e uma *Travessa da mãe de água*, em Alfama, na mesma cidade.

Trafaria. Creio que êste nome é formado de *Traf*, «ponta, cabo», como em *Trafalgar* (ver *Algueirão*), e o vocábulo latino *arena*, que normalmente deu *areia* em português, e no composto referido *-aria*. Exemplos análogos: *Birena* deu *Iria*, *Leirena* deu *Leiria*. A condensação do *ei* em *i* é de regra nas sílabas átonas, como em *Egitania* <*Idanha*, *ecclesia* <*igreja*; mas não se deu no nome *Leiria*, ou deu-se na sílaba tónica.

Todavia, *arena* devia estar no genitivo; e assim *Trafarenæ daria Trafarém*, como *Sanctirene* deu *Santarém*. Talvez esta anomalia se possa explicar desta maneira: o segundo elemento (*arena*)

(1) *Vestígios*, p. 149.

(2) *Crônica de el-rei D. Afonso Henriques*, cap. 28.

(3) *Scriptores*, I, p. 95.

(4) *Os Arabes nas obras de A. Herculano*, p. 221.

fez corpo com o primeiro (*Traf*) tão intimamente que os dois formaram um todo indistinto, o nome *Trafarena*, que sofreu depois as modificações fonéticas de *Leirena* e *Eirena*, isto é, pois, *Trafaria*. O mesmo sucedeu com *matrem silvae*, *madre-silva*. Do mesmo modo *terraemotum* deu *terramoto*, a-par de *terremoto*. Se o nome fosse só de mozárabes daria *Trafarém*, porque se não obliteraria a construção latina; mas foi também de árabes, como os nomes *Beja* e *Tejo*, e por isso saiu da fieira regular. Contudo, *Santarém* achou-se nas mesmas condições e nele vingou a pronúncia dos cristãos; mas também existiu a forma *Sanctarena*⁽¹⁾ que se conservou, de facto, em *Santa Iria*, arrabalde de Santarém, ou seja o bairro da Ribeira; e *Erea* foi o nome de uma porta desta cidade⁽²⁾. É ainda nome de vários outros lugares do nosso país.

A praia que continua a da Trafaria, na direcção do Bugio, chama-se da «Ponta de areia», que é, como vimos, o significado próprio do termo que estou estudando. Edrici regista igualmente uma povoação dêste nome, *Trafarramla*, no país de Tunes⁽³⁾.

Xarca (a). Assim se chama ainda correntemente ao «Caminho do Forno do Tijolo», isto é, à depressão profunda de terreno entre a Graça e o Monte, em Lisboa. Do árabe *axacca*, com *r* intercalado, *Axarea* (como em «alicerce», «alferce», etc.) que significa «fenda, terreno despenhado e apertado, garganta entre colinas», nome que bem convém ao sítio. Como em outros casos, o *a* inicial tomou-se como o artigo feminino português e diz-se por isso a *Xarca*.

Zézere. Nome do rio afluente do Tejo que nele entra junto de Constança. Existiu na foz dêle um castelo chamado de *Osezar* que teve foral em 1174⁽⁴⁾. Assim se chama ao rio também nos forais de Figueiró de 1204 e de Pedrógão de 1206⁽⁵⁾. Noutros documentos ora *Osezar*, ora *Uzezar*⁽⁶⁾. Esta forma faz suspeitar que *O* representa a palavra árabe *od-* (ou *ode-* e *odi-*) com a significação

(1) No «Chronicon Lamecense», *Scriptores*, I, p. 19-20, ocorre três vezes; também em João P. Ribeiro, *Dissertações cronológicas*, III, P. II, p. 66: «... per mensuram de Sanctarena».

(2) F. Lopes, *Crônica de D. João I*, cap. LXVI.

(3) *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, p. 151 da tradução de Dozy e de Goeje.

(4) *Leges*, p. 402-403.

(5) *Leges*, p. 528 e 531.

(6) *Elucidário*, II, p. 10, 11, 52 e 237.

de «rio» e *Zezere*, o vocábulo da mesma procedência, mas de origem berbérica, *zēz*, «cigarra»⁽¹⁾, com acrescentamento de *r* (*re*) final, como em *Alvaiázere*, *Tânger*, a. *Tangere*, *almíscar*, etc. O primeiro elemento veiu a desaparecer por se confundir com o artigo português, como em *Degebe* por *Odegebe*.

Em Marrocos, no Tafilete, existe um rio dêste nome, nas cartas com a forma *Ziz*, *oned Ziz* em francês.

APÊNDICE

Alguns nomes da toponímia marroquina com forma portuguesa antiga

Portugal descobriu e conquistou muitas terras além-mar e deixou vestígios da sua passagem por lá na toponímia delas ou deu à Europa os nomes estranhos numa forma portuguesa. Hoje esquece-se isso com uma facilidade pasmosa; êsses nomes são, todavia, padrões gloriosos que devíamos conservar. Dizemos *Londres* e *Florença* e achariamos ridículo quem dissesse *London* e *Firenze*, como os seus naturais. Pois quere certa gente que assim se faça para nomes já aportuguesados há séculos, porque aos Franceses e a outros povos apraz rectificá-los. É o caso de muitos nomes próprios de Marrocos que os Franceses querem ensinar-nos a escrever de outro modo. Na minha *História de Arzila* eu mostro que alguns desses nomes têm forma genuinamente portuguesa e para aqui transcrevo o que dêles digo nela.

Arzila. O seu nome português e castelhano, e por élle das línguas da Europa, assenta na forma arabizada, *Acila* ou *Azila*, que de ambos os modos se escreve nela. O *r* foi intercalado, como em outras palavras quere de origem árabe, quere de outra, nas mesmas condições: alicerce, alferce, Gibraltár, estréla, etc. Este nome ocorre já assim escrito em cartas anteriores à conquista portuguesa e por isso é castelhano, mas modificou-se segundo lei comum: *Ar-*

(1) Dozy, *Supplément*, I, p. 619.

zilla no portulano de Petrus Vesconte (de 1318), *Arzila* na carta catalã (de 1375); também assim na carta de Dulcert (de 1339) e outras publicadas pelo Visconde de Santarém no seu *Atlas* e por Marcel no seu *Choix de cartes et mappemondes (XIV.^e et XV.^e siècles)*.

Centa. É a forma castelhana da árabe *Cebta* com a vocalização do *b*, como é de regra. A forma portuguesa era *Ceita*, donde *cetil*, também segundo a regra, como «conceito» de «conceptu». Predominou a forma castelhana: na metrópole temos facto análogo com *Guadiana* por *Odiana*, antiga forma portuguesa, por ser rio fronteiriço. As formas *Ceita* e *Cepita* são as únicas ocorrentes nos séculos XV e XVI, isto é, durante o domínio português na cidade; mas desde que passou ao domínio estranho prevaleceu a outra forma.

Tânger, antiga forma portuguesa *Tangere*. É em árabe *Tanja*: o *r* da forma actual foi acrescentado, como em outros nomes de lugar de origem árabe na metrópole: *Zézere*, *Alvaiázere*, etc. que estudei atrás. Como em *Arzila* o *r* de *Tânger* é anterior à conquista, como se pode ver nas cartas do Visconde de Santarém e de Marcel.

Marrocos. É igualmente nome correcto: de *Marrācox*. O *i* tónico tem por vezes o valor de *o* quando precedido de *r*: *xarope* de *xariib*; *Roçalgate* de *Roçalhadd* (ver *Arraçário*, atrás). Os Franceses usam hoje a palavra *Maroc* para designar o país e *Marrakech* para a cidade, como *Mexico* e *Mexique*, na América, a-pesar de serem na origem a mesma palavra; mas a forma portuguesa é legítima fonética e historicamente. *Ch* representa o nosso *x* e o som correspondente árabe, que quando final de palavra em português é substituído por *s* (o nosso *ch* tem outra origem); além disso, os Franceses deslocam o acento tónico por motivo da sua prosódia, e a acentuação dêste nome à francesa não é aceitável na boca de Portugueses.

Há até incoerência nestas rectificações dos Franceses, porque noutros casos guardam as formas tradicionais: assim *Rabat*, que é uma alteração da forma árabe.

O nome do grande deserto africano, *Sahara*, vai servir-me para mostrar a inconsciência com que a gente portuguesa procede com a nomenclatura geográfica estranha. Em francês, êste deserto chama-se *le Sahara*, porque nesta língua, em regra, os nomes em

-a são masculinos: assim, *le cholira*, *le tapioca*, etc. Por isso o fizemos nós também masculino, mas acrescentámos-lhe o acento agudo para manter o acento francês. Ora em árabe este vocabulo, *Çahra*, que significa «deserto», é feminino, como o são em regra os nomes árabes em -a, que assim passaram para português; e, de facto, a forma correcta portuguesa foi *Zara(a)*, em Barros (*Décadas*, I, liv. I, cap. 13: «... a que os Mouros chamão Çahará e os nossos corruptamente Zàra») e nos *Anais de Arzila*, (II, p. 433), e *Sara(a)* no anónimo português do fim do século XVI publicado pelo Sr. Conde de Castries (*Une description du Maroc*, p. 66); e a forma castelhana do mesmo topónimo é *Zahara(la)*, em Marmol (*Descripción de Africa*, fl. 13 v. e 14). Este vocabulo está representado também na linguagem comum, *sáfara*, sobre o qual se formou o masculino *sáfaro*, como de *zarcia* se fez *zarcu*.

Exemplo bem análogo é o de *sofá*: em árabe é *coffa(a)*, fem. e com o acento na penúltima sílaba; mas a pronúncia francesa obrigou a fazê-lo masc. e a acentuar a última sílaba.

Lista dos nomes estudados

Açumar, Adiça, Alafões, Alcáçovas, Alcochete, Alfafar, Alfeite, Alfeizirão, Algez, Algodor, Algodes, Algueirão, Almacave, Almafala, Almagrebe, Almaraz, Almargem, Almegue, Almofala, Almourol, Alpeidão, Alqueidão, Alvaiázere, Alvalade, Alvor, Alvorão, Arraçário, Belamarim, Benafátima, Borratém, Povolide, Portimão, Queluz, Tamarma, Trafaria, Xarca e Zézere.

Apêndice

Arzila, Ceuta, Tânger, Marocos e Sahará.

Observação ao nome *Povolide*. Acrescente-se: Em *Olide* o *O* foi tomado pelo artigo masculino, isto é, pois, *Pova-do-Lide*, em que o *I* deixou de ser intervocálico e por isso se manteve.